

# ENSAIO

## Boaventura de Sousa Santos, o tempo, o modo

Rosa Soares Nunes<sup>1</sup>

---

Não transigir com a qualidade estética da linguagem, enquanto morada da produção científica, tem por sustento um trabalho muito suado. Porque é o espaço da elevação da reflexão a patamares que mobilizam a autenticidade e a criatividade, enquanto dimensões sem as quais o rigor muitas vezes se confunde com a negação da consideração da totalidade, sem a qual, ele, de facto, não existe, por redução a um mecanicismo que se alheia das relações sistémicas entre as partes e o todo.

“Por que é que o meu trabalho interessa tanto aos pedagogos?” Esta é a pergunta que lhe devolvo.

À medida das limitações do meu entendimento das palavras e das coisas é também, da condição da militância pedagógica, a preocupação com a dimensão ética e estética da produção científica. E, do ponto de vista da sua dimensão teleológica, não separar uma da outra é, no mesmo lance, a contestação da ciência pela ciência.

“Só há emancipação através de significações partilhadas”, enuncia Boaventura, num desafio narrativo que investe o texto dos lugares da complexidade onde, no cruzamento de afectos e da razão, descobre-se a crença de que temos tudo explicado e, ao mesmo tempo, renuncia-se a ela. Como defendo noutra lugar, os seus textos produzem, no interior da escrita científica, uma ruptura de códigos, recusando uns, desterritorializando outros, colocados ao serviço de uma releitura heterodoxa do Poder, da Ciência e do Direito, num exercício de invenção a responder ao esgotamento de uma impositiva linguagem unívoca, tão ao gosto do cânone oficial.

E ocorre-me evocar Marx, e à clareza meridiana com que fazia a pedagogia da criatividade e da insubmissão, num texto censurado de 1842:

[...]

A lei permite-me escrever, mas na condição de escrever noutra estilo que não seja o meu! Tenho o direito de mostrar o rosto do meu espírito, desde que lhe confira as rugas prescritas [...]

Todos admiram a variedade encantadora, a riqueza inesgotável da natureza.

Ninguém exige que a rosa tenha o perfume da violeta, mas o que há de mais rico, o espírito, só deve ter a faculdade de existir de uma única maneira?

Sou um humorista, mas a lei ordena-me que escreva sisudamente. Sou audacioso, mas a lei ordena que o meu estilo seja modesto. Cinzento em fundo de cinzento, eis a cor única, a cor autorizada da liberdade. A menor gota de orvalho em que se reflecte o sol, cintila com um inesgotável jogo de cores, mas o sol do espírito, qualquer que seja o número dos indivíduos e a natureza dos objectos em que incide, só pode mostrar uma cor, a cor oficial! [...].<sup>2</sup>

Cinzento em fundo de cinzento!...

O recurso a uma lógica argumentativa, muito bem sustentada pela linguagem poética, coexiste, em Boaventura de Sousa Santos, com uma postura analítica.

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Psicologia e Ciências Educativas da Universidade do Porto. E-mail: rosanunes@fpce.up.pt

<sup>2</sup> MARX; ENGELS. *Sobre literatura e arte*. Lisboa: Estampa, 1974.

É quando encharca a realidade de emoção que, no seu texto, acontece um explosivo de significação. Convocando Prado Coelho, o texto é uma determinada prática significativa que se isenta das condições normais de comunicação e significação e institui um espaço específico em que se redistribui a ordem da língua e se produz uma determinada significância. A significância é, então, num primeiro momento, a recusa de uma significação única. É o que mantém o texto num estado de enunciação e não de enunciado.<sup>3</sup>

Aludindo aos caminhos (tortuosos, pedregosos, como diria uma fada a *João Sem Medo*<sup>4</sup>) da almejada unidade entre o pensamento e a vida, deles decorrem as mais desajustadas apreciações com que frequentemente nos deparamos em relação a quem, no campo da ciência, saiba e ouse percorrê-los, suscitando um ficar de pé atrás, numa espécie de medo do prazer e, muito mais, da fruição, adversos assim ao efeito propulsor da emoção na comunicação, como se desta se pudessem ausentar disposições cognitivas!

Há trinta anos Barthes falava de uma pequena mitologia que tem tendência para fazer acreditar que o prazer (e, singularmente, o prazer do texto) é uma ideia de direita:

À direita, despacha-se para a esquerda, com um mesmo movimento, tudo o que é abstracto, aborrecido, político, e guarda-se o prazer [...] E à esquerda, por moral (esquecendo os charutos de Marx e de Brecht) suspeita-se, despreza-se qualquer resíduo de hedonismo. É o velho mito reaccionário do coração contra a cabeça, da sensação contra a razão, da vida quente contra a abstracção fria. À esquerda opõe-se o conhecimento, o método, o compromisso, o combate ao simples deleite. E, todavia, se o próprio conhecimento fosse, também ele, delicioso?<sup>5</sup>

Relembro a minha crença de partida para um trabalho sobre a qualidade comunicativa da escrita de Boaventura estar ligada à sua

condição estética. Estética de aproximação que, nesse sentido, é ética.

De maior convencimento sou acometida, quando ele remete para a contraposição de uma nova experiência estética à frieza de simplificações dualistas que, como adverte, irão boicotar, de forma sub-reptícia, o antifuncionalismo e o anti-instrumentalismo que se espera de um conhecimento-emancipação. E logo aí se vislumbra a proposta simultaneamente inovadora, transgressora e, eventualmente provocadora, da dupla ruptura epistemológica e o profundo sentido de democratização da ciência e da linguagem, de que Boaventura a investe, num tempo que considera de transição paradigmática, com inevitáveis consequências no pensar a Educação. Depois do rompimento da ciência com um senso comum mistificatório, esteio das evidências que a sociedade capitalista criou para naturalizar as relações de injustiça e de opressão, e para cujo desvelamento a ciência teve um papel fundamental, “é a hora dela própria se converter num conhecimento partilhado e não num conhecimento de especialistas”.<sup>6</sup> O que não é desligável do trabalho arqueológico que empreende, no sentido de devolver claridade a zonas da experiência humana que a trajectória da filosofia ocidental colocou na sombra, sendo matricial à construção das suas propostas teóricas a escavação funda que traz de volta, para um contexto substancialmente diferente, a noção aristotélica de dialéctica.

O próprio estilo da sua produção escrita parece imbuído dessa capacidade de articular (descontinuadamente) os dois modos básicos do raciocinar aristotélico, em que a demonstração analítica e a argumentação dialéctica não têm uma relação hierárquica, mas de equiparação, e parece, por vezes, viver mais desse ressurgimento vigoroso e renovado da noção aristotélica de dialéctica, como táctica compensatória da dominância da demonstração analítica; noutras,

<sup>3</sup> COELHO, E. P. *Os universos da crítica*. Lisboa: Edições 70, 1987.

<sup>4</sup> Alusão às *Aventuras de João Sem Medo*, de José Gomes Ferreira.

<sup>5</sup> BARTHES, R. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1997.

<sup>6</sup> Entrevista que Boaventura de Sousa Santos concedeu à autora deste artigo, publicada na íntegra em NUNES, Rosa Soares. *Nada sobre nós sem nós: a centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos*. São Paulo: Cortez, 2005.

evidencia-se e exerce-se essa equiparação. (O que parece, em si, caracterizador da própria situação de *transição paradigmática*.)

Numa intenção desobjectualizante, na *dupla ruptura epistemológica*, requalifica-se a condição de sujeito comunicativo pela tendencial elevação da transacção intersubjectiva ao patamar da reciprocidade, horizonte de uma proposta, bastante habermasiana, de conversação universal. Proposta que Boaventura virá a interrogar, na crítica aos autores da Nova Retórica, impregnando-a da preocupação com as condições desiguais e mesmo excludentes de produção do discurso, na proposta bem mais radical de uma *Novíssima Retórica*. No que se aproxima das preocupações de Pierre Bourdieu, quando este afirma que “conceder a todos, mas de maneira puramente formal, a ‘humanidade’, é excluir dela, a coberto do humanismo aparente, todos os que se encontram despossuídos dos meios de a realizar”.<sup>7</sup>

Afrontando o estereótipo – que é a palavra repetida, ausente de magia e de entusiasmo, entrada em perda, no zero da significância –, toda a escrita de Boaventura se revê na encruzilhada de uma modernidade em superação de si mesma; esta, se tem uma fundação cartesiana, não a terá menos em Cervantes, para lembrar Kundera, quando põe a eventualidade de talvez ter sido este último que Husserl e Heidegger não tomaram em consideração, quando falavam de uma crise da humanidade europeia tão profunda, com raízes no carácter unilateral das ciências europeias que tinham reduzido o mundo a um simples objecto de exploração técnica e matemática, propulsando o ser humano para os túneis das disciplinas especializadas, perdendo de vista o mundo e a si próprio.<sup>8</sup> Mas Kundera vale-se de não ser filósofo para não ser tão severo na apreciação. Então,

compreender com Descartes o Ego pensante, como o fundamento de tudo, estar assim sozinho em face do universo é uma atitude que Hegel, e com toda a razão, julgou heroica. Compreender com Cervantes o mundo como ambiguidade, ter de enfrentar, em vez de uma única verdade absoluta, um monte de verdades relativas que se contradizem, pos-

suir uma única certeza, a sabedoria da incerteza, exige uma força não menos grande. (KUNDERA, 1988).

A escrita de Sousa Santos é um lugar em que a linguagem comunica a imaginação combinatória desses dois abstractos e a superação emergente que, em si própria, auspicia-se na expressão de um intenso cuidado com o outro presente e ausente, na geografia e num tempo havido e a haver. E é na arte que se suspende e que vacila que nos põe de cara com a forma negra dos números da nossa inépcia para não deixar acontecer.

Por isso convoca ainda Ariel numa espera com esperança de mediação algures entre a fome e a abundância, numa zona para além da humanidade, na qual a língua é o silêncio. Captado entre duas explosões de vozes, é um silêncio que nada tem de repousante e de apaziguador e “que os ruídos do tempo tentam subtrair à nossa vigilância”.<sup>9</sup> “Tempo de transição, síncrone com muita coisa que está para além ou aquém dele mas descompassado em relação a tudo o que o habita” – diz Boaventura.

Neste descompasso, na medida desta desmedida, esta incomensurabilidade violenta... alternância rápida à simultaneidade do desespero e da vertigem (*budle bind*), se abre um abismo, a eminência do nada, que interpela a possibilidade de conciliação com o mundo.

É como metáfora do que chama *fascismo societal* que, em *Nuestra América* – referência ao título de um pequeno ensaio de 1891, que é o sumário do pensamento do grande revolucionário latino-americano José Martí –, Boaventura narra o acontecimento que leva à morte de Galdino de Jesus, um índio Pataxó do Nordeste brasileiro, por três jovens da classe média alta, “para se divertirem”. E que simboliza a natureza dos riscos, sem seguro, de quem vive em constante caos de expectativas, favorável a que o acto mais trivial possa conduzir às consequências mais dramáticas. Narração seca-descritiva que deixa ao embate com o conteúdo o espaço para toda a indignação.

<sup>7</sup> BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Oeiras: Celta, 1998.

<sup>8</sup> KUNDERA, M. *A arte do romance*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

<sup>9</sup> AUGÉ, M. *Para que vivemos*. Lisboa: Editora 90°, 2007.

*Nuestra América* – reinventando um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição é, mais uma vez, a argúcia e a inteligência do analista, comprometido com a redignificação dos alvos do desamor universal.

Ora a navegar no fio da irrealidade (o para lá dos limites), ora em contacto físico com os limites e ainda com o para aquém deles, *Nuestra América* é, em si, um exercício de cabotagem.

E nesse exercício deixa muito claro: nas actuais condições é difícil pensar em alguma alternativa para o regime atual das relações internacionais. Tão difícil quanto necessário e urgente.

No modo como se distancia do “universal”, Boaventura enfrenta a queda das metanarrativas, avaliando a repercussão dessa queda em alguns conceitos que estruturavam o nosso pensamento, e comete-se da tarefa de pensar para além deles. Tarefa árdua, desligada da certeza de um final feliz; não obstante, apontando o alvo da arte, do lúdico, do amor: o “reino da liberdade” de que falava Marx.

Em face do que entende como desadequação das metanarrativas, investe na dupla exigência de trabalho de luto e cálculo de novas possibilidades, conhecedoras de um passado na sua capacidade de revelação e, por esse conhecimento, agenciadoras dos modos de sobreviver-lhes.

Boaventura vê na continuação da simbólica *Nuestra América* uma vontade utópica de emancipação, uma possibilidade de contra-hegemonia, na condição da sua desterritorialização e transformação na metáfora da luta das vítimas da desumanidade da globalização hegemónica, onde quer que se encontrem, Norte ou Sul, Leste ou Oeste. (Que mal pergunte, que melhor ideia de universal?).

Criativamente sustentada por uma experiência de proximidade do sofrimento gerado pelas diferentes faces da opressão, essa análise tem o rigor do conhecer também pela via do sentir as coisas. Daí o apelo contributivo de autores mais próximos de modos de viver, imaginosamente tornados impronunciáveis, silenciados, os quais descentram a visão eurocêntrica a que temos chamado análise rigorosa.

Usando uma visão retrospectiva como estratégia que visa efeitos de consistência argumentativa, Sousa Santos circunscreve os três actos do drama milenar da supremacia do Ocidente: as Cruzadas, as

descobertas, a americanização, como forma hegemónica de globalização, situando *Nuestra América* nos antípodas da América europeia. E, na alternativa à difusão do fascismo societal que, na sua perspectiva, cada vez mais perigosamente se insinua, delinea um autêntico programa de acção nos esteios de uma nova cultura política transnacional, embebida em novas formas de sociabilidade e subjectividade, fundadas numa nova lei “natural” revolucionária: uma nova lei natural barroca e cosmopolita, baseada na cultura social e política de grupos sociais cujas vidas são cotidianamente energizadas pela necessidade de transformação de estratégias de sobrevivência em fontes de inovação criativa, transgressão e subversão. E concebe o *ethos* barroco como o arquétipo cultural da subjectividade e sociabilidade de *Nuestra América*. Subjectividade e sociabilidade capazes de explorar e de desejar explorar as potencialidades emancipatórias da transição paradigmática.

Muito bem apoiado em Oswald de Andrade e na utopia antropofágica – “antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” –, Boaventura sustenta que é a prática da sociologia das ausências que arma as lutas contra-hegemónicas. E faz a pedagogia da transgressão, no convencimento de que “um outro mundo é possível”.

Com uma energia indomesticável, em *Nuestra América* também se cumpre o intento de activar a dupla ruptura epistemológica:

- No re-conhecimento – a ruptura com qualquer saber que nos encerre num destino. Despida da ética, a ciência é apenas o soma da vida. Isto é, sem a componente mágica do ser, a vida não poderia encontrar forma de persistir. Perder-se-ia no vazio até a extinção lógica da perda da necessidade em Natureza. É aí que intervêm, em estádio de sabedoria, a faculdade de dar ao saber cenário de fantasia interpretativa do quotidiano e da descoberta dos mistérios da ignorância: a arte.

- Na redistribuição – a ruptura com um paradigma societal que, exaurido da preocupação com o outro, se enrola sobre si mesmo, num estertor entrópico que arrasta um insuportável sofrimento.

- Na tradução – (procura de isomorfismos) no cumprimento daquilo para que o discurso de Boaventura sempre, sempre aponta: o

cuidado com o outro. E, sentindo-lhe o sofrimento, na palavra versátil, persuasiva e transgressora, abraça a luta por um mundo menos cruel. “*Raisons d’Agir*”. Na recusa da convivência, do arranjo disfarçado. Dignidade. “Elementos de que se faz a vagarosa teimosia dos sonhos”.<sup>10</sup>

Recebido em abril de 2009 e aceito em agosto de 2009.

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Carlos de. In: NUNES, R. S. *Nada sobre nós sem nós: a centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos*. São Paulo: Cortez, 2005.